

EDITORIAL

Tarcísio cruzou a linha?

Nesta semana a Polícia Militar de São Paulo empreendeu a Operação Escudo, com objetivo de identificar e prender o homem que assassinou Patrick Bastos Reis, soldado da ROTA de apenas 28 anos que era campeão de jiu-jitsu e deixou viúva e três filhos pequenos.

“O crime organizado de São Paulo vai cobrar um preço pela iniciativa da Secretaria de Segurança Pública”

Como no enredo de Tropa de Elite, o grupo militar mais bem treinado do estado adentrou os morros do litoral paulista com objetivo de desmantelar o tráfico no local e acabou deixando um rastro de 16 mortes após diversos confrontos que também hospitalizaram policiais militares.

No final, mais de 50 presos, entre eles o homem que confessou o assassinato, quase meia tonelada de dro-

gas apreendidas e o Ministro da Justiça, Flávio Dino, dizendo que não achava proporcional a reação do Governo de São Paulo, enquanto Ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Silvío Almeida, informava que acionou a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos para acompanhar o caso.

Mais do que a briga política, o Governador Tarcísio de Freitas precisa tomar uma decisão parecida com a que o policial Mathias, do filme, precisava resolver. Na ficção, ele não poderia seguir como polícia e os amigos que usavam drogas na faculdade.

Na vida real, o crime organizado de São Paulo que já é um conglomerado internacional vai cobrar um preço pela iniciativa da Secretaria de Segurança Pública na mesma semana em que o Supremo Tribunal Federal deve descriminalizar o consumo de drogas.

Em alguns meses, sabemos se a linha tênue entre a loucura e sanidade foi cruzada e como as forças do bem e do mal vão se balancear.

Cultura tropeira no interior paulista foi protagonista do desenvolvimento nacional

Saiba como a Cultura Tropeira de Sorocaba marcou a história do país por meio da negociação de muares e asininos

Com seu início em 1733, com as tropas do gaúcho Cristóvão Pereira de Abreu, um dos fundadores do Rio Grande do Sul, a cultura tropeira é uma das responsáveis pelo desenvolvimento do Brasil, principalmente no interior, longe das capitais e dos litorais.

Ao iniciar a venda dos primeiros lotes de animais, o tradicional grito de ‘Rebentou a Feira’ ecoava entre os muladeiros e comerciantes e marcava o começo das negociações dos asininos e muares.

Transportando alimentos, produtos e animais para o trabalho, as tropas vindas do Sul do país eram essenciais para as regiões mais isoladas do Brasil e, principalmente, para as explorações das minas, que precisavam de animais robustos para o trabalho pesado. De acordo com a historiadora Prof.^a Bárbara Ressio, “as cidades e minas do país precisavam dos muares para o transporte de mercadorias entre as cidades e regiões. Os cavalos dos campos de Curitiba não

eram próprios para tropas cargueiras, sobretudo para descender a Serra do Mar, em direção à Santos, nem para subirem para Minas Gerais, pela Serra da Mantiqueira.”

Essa atividade era fundamental para o transporte nacional que, a partir de 1875, foi perdendo força, com a implantação das ferrovias. A última grande feira realizada em Sorocaba (SP), foi em 1897, quando ocorreu o primeiro grande surto de febre amarela. Mal havia começado a Feira, os tropeiros fecharam às pressas seus negócios, arrumaram suas malas e partiram para sempre.

A feira de Sorocaba teve um papel muito importante ao promover a integração de duas atividades econômicas de relevância: a negociação dos muares xucros trazidos do Sul, que atendia a necessidade de transporte terrestre no país, com as diversas atividades comerciais, alimentares e de entretenimento demandadas tanto pelos compradores quanto pelos

vendedores das bestas.

Como Sorocaba se localizava no final da zona dos campos, aproximadamente na metade do caminho para o sul, esse foi um dos fatores que motivou o surgimento de um grupo de tropeiros sorocabanos, negociantes de animais, que percorriam todo o Brasil comprando muares no Sul e os vendendo nos estados situados mais ao norte. Sorocaba era o ponto de encontro de compradores e vendedores. Antes de chegar a São Paulo, a última boa internada (local para os animais recuperarem o peso perdido durante a longa jornada até a feira de Sorocaba) eram os campos sorocabanos, que serviam de abrigo, à espera dos negócios.

Cultura tropeira na educação

Presente atualmente na cultura da cidade do interior de São Paulo e região, a cultura tropeira é peça fundamental da educação básica municipal das crianças sorocabanas, além das

tradicional comidas e gírias ainda encontradas pelas ruas da cidade, viva em seu povo.

“Atrair a educação e a cultura cada vez mais para crianças e adolescentes onde hoje habitam muito à internet e pouco buscam museus, exposições. Existem formas de unir tecnologia e educação como por exemplo museu da língua portuguesa que dispõe da cultura através da tecnologia. Relembrar esse fato histórico nos move para uma história muito maior que a contada. Nossa cidade é um marco no desenvolvimento do Brasil. É isso não é exposto de forma correta. A melhor forma de manter viva a história é praticá-la. Apesar de haver as tropas que simbolicamente fazem o mesmo trajeto, acredito que um incentivo como uma exposição uma feira próxima da que era feita.”, afirma a historiadora Bárbara Ressio.

Texto: Matheus Oliveira Fotos: Divulgação/Prefeitura Municipal de Sorocaba

#RedeCâmaraSR

CONVITE
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

PLANO DIRETOR
São Roque

AUDIÊNCIA PÚBLICA

9 Rua São Paulo, 355 - Jardim Renê, São Roque - SP

PLC Nº 02 E 03/2023-E

09/08/23 - às 18h
20/08/23 - às 09h

CÂMARA MUNICIPAL
ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SÃO ROQUE

ACESSE

WWW.
odemocrata.
com.br

Cultura de SP
prorroga a exposição
sobre Michelangelo
até 31 de maio

Ninguém escapará

José Renato Nalini

As mudanças climáticas provocadas pela emissão dos venenosos gases causadores do efeito-estufa não pouparão ninguém. Se isso ainda não entrou na cabeça de todos, logo acontecerão fenômenos que assustarão o bicho-homem e o farão fazer alguma coisa. Pode ser que o “alguma coisa” já não seja suficiente para afastar os perigos. Por isso, o melhor seria, desde já, adotar uma conduta compatível e consequente com as ameaças que rondam a humanidade.

Há providências que fogem à alçada do homem comum. Por exemplo, a Saint-Gobain, que possui mais

de sessenta fábricas no Brasil, vai substituir o gás natural que alimenta seus fornos por biometano, um gás livre de carbono. Com isso, reduzirá em 35% a emissão de gás carbônico. O biometano é produzido pela Gás Verde, uma empresa do grupo Urca Energia, que opera usinas em aterros sanitários e purifica o biogás produzido pelo lixo.

Só que essa escala industrial está geralmente longe das possibilidades da cidadania. Isso não quer dizer que ela não possa colaborar para ao menos mitigar a situação de descalabro hoje reinante.

Por exemplo: usar menos água. Aquelas velhas receitas de não deixar torneira aberta enquanto escova os dentes. Tomar banhos

mais rápidos. Evitar a “vasoura hidráulica”, ou o uso do esguicho para varrer calçadas, uso tão disseminado pelos funcionários dos condomínios edilícios.

Mais ainda: coletar sementes e fazer mudas. Usar qualquer terreno baldio para plantar. Além de ajudar a natureza, isso faz bem para o corpo e para a alma. Exigir dos vereadores, dos deputados, dos senadores, mas também dos Prefeitos, Governadores e do Presidente da República, uma conduta consequente com o perigo climático.

O Brasil é a república dos discursos edificantes, das promessas vãs, do palavreiro que não pode substituir uma ação urgente. Acabar com os lixões, ampliar as

áreas verdes, protestar contra o desmatamento em todos os biomas, recuperar nascentes, limpar as margens dos cursos d’água, transformar a sua casa, a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, num jardim acolhedor, isso está ao alcance de qualquer pessoa de boa vontade e dotada de consciência ecológica.

Talvez isso não baste para evitar a catástrofe derradeira. Mas ao menos garantirá a tranquilidade de consciência a quem fez algo, por mínimo que seja, para evitá-la.

José Renato Nalini
Reitor da UNIREGISTRAL, docente da Pós-graduação da UNINOVE e Secretário-Geral da ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

CUIDADO E CARINHO

ASSIM É O ATENDIMENTO ANIMALE



IBIÚNA

Rua Coronel Salvador Rolim de Freitas, 500

(15) 3241-1819

SÃO ROQUE

Rua Mathias Leme de Barros, 109

(11) 4784-2156

